



## As terras de quilombos

são territórios étnico-raciais com ocupação coletiva baseada na ancestralidade, no parentesco e em tradições culturais próprias. Elas expressam a resistência a diferentes formas de dominação e a sua regularização fundiária está garantida pela Constituição Federal de 1988.

O Decreto 4.887/2003 define que o INCRA, autarquia vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), é o órgão federal responsável pela titulação dos quilombos, com competência concorrente do Distrito Federal, estados e municípios. Para fins de regularização fundiária, o INCRA elabora Relatórios Técnicos de Identificação e Delimitação (RTID) que reúnem informações fundiárias e cadastrais das famílias, bem como a caracterização antropológica, histórica, econômica e ambiental da área quilombola. Esse trabalho tem gerado um grande acervo de dados, registrando de maneira inédita um arcabouço de manifestações e características dos quilombos nos períodos escravocrata e pós-escravocrata.

O objetivo da parceria entre INCRA, CGPCT e NEAD (MDA) e UFMG é sistematizar e dar publicidade às informações contidas nos RTIDs, em muitos casos ignoradas pela historiografia oficial. Esse material, registrado no âmbito dos processos administrativos do INCRA, foi transposto para uma linguagem acessível, com o apoio de diversos colaboradores, destacando-se os autores das etnografias dos RTIDs. Os livretos trazem também depoimentos dos próprios quilombolas. Eles testemunham a continuidade de uma luta fortalecida pela esperança de que o conhecimento de sua história garanta finalmente a compreensão da legitimidade de seu pleito pela titulação.

A publicação dos livretos visa, assim, a contribuir para o reconhecimento das comunidades quilombolas, estimulando a difusão de informações qualificadas sobre elas. Reunidas nesta Coleção, as histórias de resistência quilombola agora podem ser conhecidas mutuamente pelos quilombolas das diversas regiões do país. Espera-se também que este material forneça a gestores públicos, educadores, pesquisadores e demais interessados informações acessíveis sobre essas comunidades.



# Comunidade Quilombola Brotas

O Quilombo Brotas localiza-se no atual bairro Santa Filomena II, antigo bairro dos Lopes, no município de Itatiba, estado de São Paulo. Lá residem cerca de 32 famílias em um território de 12,48 hectares. Estas famílias descendem da matriarca Amélia de Lima, filha dos ex-escravizados Emília Gomes e Isaac de Lima, que foram viver e depois compraram o Sítio das Brotas entre os anos de 1878 e 1888.

Desde o início, o grupo se formou com um notável sentimento de solidariedade e ajuda mútua, continuando práticas já existentes na região de resistência, rebeldia e fuga da escravidão. O Quilombo Brotas tem esse nome devido às muitas nascentes de água que lá existem. Mas também é conhecido como Sítio de Inhá Amélia, Sítio de Inhô Claro, Sítio de Tia



**Lula, moradores que construíram e mantiveram o território por mais de 120 anos.** Uma marca importante na história da comunidade foi a Tenda de Umbanda da Tia Lula, fundada pela filha de Amélia, Maria Emília Barbosa por volta de 1950.

A história do Quilombo Brotas, construída por mulheres e homens fortes, é um verdadeiro exemplo da luta pela liberdade. Dentre as mulheres, grande importância tem a escravizada Maria Emília Modesto, sua filha Emília Gomes de Lima, passando por Amélia de Lima e suas filhas, netas e bisnetas, como Maria Emília Barbosa, Maria da Conceição, Ana Tereza Barbosa, Ana Maria Marcelino de Lima, Rosemeire Barbosa e muitas outras. Dentre os homens, destacam-se Isaac Modesto de Lima, seus filhos Felipe Lima e Pedro Lima, Fabiano Bento Barbosa, Claro de Lima Barbosa, Bento Barbosa, Manoel Barbosa, José Rubens Barbosa e muitos outros.



Amélia e sua bisneta Vera Lúcia. Fonte: acervo familiar.



Claro Barbosa. Fonte: acervo familiar, RTC.



Maria Emília Barbosa (Tia Lula). Fonte: acervo familiar.



Ana Tereza Barbosa (Tia Aninha).  
Fonte: acervo familiar.

## Solidariedade e resistência

O Quilombo Brotas foi um lugar de fuga e resistência durante a escravidão. A história da família tem início com Maria Emília Modesto e sua filha Emília, escravizadas em uma fazenda no Rio de Janeiro. Ao serem vendidas, mãe e filha foram separadas no mercado de escravos em Santos. Emília possuía um irmão chamado Eleutério Gomes. Por volta de 1850, eles trabalharam como escravizados para um fazendeiro da família Pupo, em Itatiba. Trabalharam provavelmente na Fazenda São Benedito, onde Emília teria conhecido Isaac, com quem se casou e teve vários filhos. Entre eles, Amélia, nascida em 1876, no período da Lei do Ventre Livre, que declarava o fim da escravidão para os negros nascidos a partir da edição da lei. Emília e Isaac foram alforriados com a morte do dono da fazenda, que deixou em seu testamento orientações para libertá-los.

O casal e seus filhos buscaram abrigo com os amigos Rita Rodrigues e Francisco José Rodrigues, que ofereceram um lugar para plantar e morar no bairro dos Lopes, em Itatiba. Cumprindo um acordo com o proprietário das terras, trabalharam ali até juntar dinheiro para comprar o Sítio das Brotas, entre 1878 e 1888. Esse dinheiro era guardado em um baú, conservado até hoje no quilombo.

Para comprar a área, Amélia trabalhava muito com seu pai na roça. Foram anos difíceis na vida da família até conseguirem conquistar sua própria terra. Ana Tereza, neta de Amélia, conta o que Isaac dizia à sua avó: “Tenha paciência minha filha. Isso daí é pra nós pagar o lugar pra gente morar. Pra pertencer pra tudo mundo. Pra tudo que tiver meu sangue ter um lugar pra morar.”

Desde a sua formação, o Sítio das Brotas tornou-se referência de ajuda e abrigo temporário. Essa relação de solidariedade com familiares e amigos foi continuada por Amélia, que construía casas de barrote vazias para emprestar a quem



Baú de Isaac e Emília. Fonte: RTC, Brotas.

precisasse. Em troca, as pessoas contribuía com trabalhos de manutenção do sítio. Com seu falecimento, Claro Barbosa e em seguida Maria Emília Barbosa – a Tia Lula – tornaram-se referências nas questões do quilombo e prosseguiram a tradição de receber quem precisasse de ajuda. Após a morte da Tia Lula, esse papel foi ocupado por Ana Tereza. Até hoje existe o costume de consultar os mais antigos para resolver qualquer questão relacionada ao sítio.

No início, quatro irmãos de Isaac foram morar com ele no Sítio das Brotas. Com o tempo, deixaram o local, juntamente com os irmãos de Amélia, dentre eles Felipe e Pedro. Este último morou na rua Campos Sales (antiga Rua Alegre), onde eram realizadas as festas do Largo do Rosário e o carnaval da cidade.

Existia em Itatiba uma extensa rede de solidariedade ligando negros escravizados, libertos e brancos abolicionistas, que ajudava na fuga dos escravizados. Conhecido como movimento dos caifazes, seus membros se embrenhavam nas fazendas para tramar revoltas contra a escravidão. Através dessa rede, os quilombos da região podiam manter relações de comércio, trabalho, amizade e parentesco com pessoas de fora, tanto negros como mestiços e brancos. Emília e Isaac faziam parte dessa rede quando ainda eram escravizados e tramavam fugas durante a noite. Na infância de Amélia, a Sinhá da fazenda costumava fazer perguntas às crianças para saber o que se passava nas senzalas.

Foi por meio dessa rede que a família de Amélia conseguiu se abrigar no bairro dos Lopes, lugar onde anteriormente se estabeleceram os primeiros moradores de Itatiba. Guiados por Salvador Lopes, escravizados fugidos de Campinas, Atibaia e Jundiá formaram esse núcleo residencial, que recebeu o seu nome. Lá, negros fugidos, libertos e indígenas foram se estabelecendo. Quando Emília e Isaac chegaram,



Festa de criação da Associação.  
Sentados alguns membros do conselho de anciãos: João, Maria Emília, Maria da Conceição e Sebastiana. Fonte: RTC Brotas.

grande parte dessas terras pertencia à família de Rita Rodrigues. Há informações de que ela seria indígena e Francisco José, seu marido, um abolicionista. Parece ter vivido no local também um negro chamado Brotas que, com esse casal, ajudava os escravizados fugidos.

O bairro dos Lopes compreendia uma vasta extensão de terras correspondente hoje a várias localidades de Itatiba. Havia no alto da colina uma antiga capela de taipa feita por Rita Rodrigues e alguns negros, ao redor da qual novas casas foram construídas. Assim formaram o antigo bairro das Brotas, quilombo de fuga onde foram acolhidos Emília e Isaac.

Alguns moradores do sítio conheceram essa capela e tinham o costume de ir a batizados e casamentos ali. Ela foi desmanchada quando a terra em que se situava foi vendida. Um antigo morador doou um pedaço de terra para a construção de outra capela, que existe há mais de 50 anos próxima ao córrego das Brotas, com o nome de Nossa Senhora das Brotas, santa portuguesa protetora dos olhos d'água. Quando a família de Amélia chegou ao sítio, encontraram um rancho com potes de barro e um monjolo pertencentes aos negros do antigo quilombo. Os moradores encontraram ainda moedas antigas, correntes, bolas de ferro e uma peça com o rosto de uma mulher de uma tribo africana.

## Amélia de Lima

Amélia foi a única filha que permaneceu na terra comprada por seus pais. Era uma jovem inteligente e tinha um grande sonho de se tornar modista para desenhar e costurar roupas finas. Com apenas 12 anos Isaac propôs que se casasse com um amigo da família. Amélia não queria se casar e resistiu. Em 1897, aos 21 anos, casou-se com Fabiano Bento Barbosa, com quem teve nove filhos: Lúcia, Bento, Ramira, Maria Tereza, Antônia, Claro e sua irmã gêmea Clara, Maria Emília e Sebastiana, dos quais descendem os atuais moradores do Quilombo Brotas.

Seu vestido de casamento foi costurado por ela. No dia da cerimônia Amélia se casou com sapatos, contrariando a tradição de Itatiba na qual os negros deveriam se casar descalços. Segundo o relato de tia Aninha, no dia do casamento aconteceu assim:

E tinha muito sítio, muito fazendeiro dono de escravo. E tinha um, acho que era muito chique as filhas dele. E aí falavam pra ela (Amélia): “Cê vai casar de sapato? Cê não é inhá moça Pupo e vai casar de sapato?” Ela (Amélia) falou: “Não sou inhá moça Pupo, mas sou Amélia e vou casar de sapato” (Anacleto, 2009, p.98).

Amélia não se submetia nem ao marido nem às restrições impostas aos negros. Ela ensinou sua família a lutar pela sobrevivência, **buscando manter sua autonomia, sem abaixar a cabeça para humilhação ou para exploração, para serem pessoas livres e donas de si.** Com o falecimento de Fabiano em 1923, trabalhou duro para sustentar a família sem abandonar o sítio e sempre deu apoio aos familiares, inclusive no cuidado dos netos e da terra.



Quilombo Brotas antigamente. Ao fundo, a casa de Amélia e à direita seu filho Bento. Fonte: acervo familiar.



Amélia e filhos. Fonte: acervo familiar, RTC.



Vó Amélia e netos. Fonte: acervo familiar

Parteira e rezadeira, trabalhou também como costureira, cozinheira, lavadeira, e passadeira.

Ela saía do sítio sempre que necessário para garantir o sustento da família. Ao mesmo tempo, plantava mandioca, verduras, batata e outras leguminosas no quilombo. Os incentivos de Amélia ao trabalho contribuíram para uma maior autonomia das mulheres da família, inclusive em suas escolhas individuais em relação a casamentos. Amélia viveu no quilombo até seu falecimento em 1974.

O Sítio das Brotas sempre foi um lugar de refúgio e uma referência para os familiares. Era também um lugar de brincadeiras, festas e cura de doenças, onde vivia a avó Amélia.

## Tenda de umbanda da tia Lula

Maria Emília Barbosa, filha de Amélia, tinha visões desde criança e ouvia batuques que ninguém ouvia. Foi trabalhar em São Paulo aos 14 anos e ali começou sua iniciação no Candomblé. Depois passou para a Umbanda, por considerar o processo mais simples e menos oneroso. Por volta de 1950, quando voltou a morar no quilombo, começou a realizar trabalhos para parentes. Montou sua Tenda de Umbanda em uma casa de taipa próxima à casa de sua mãe.

Logo sua fama se espalhou por Itatiba. **O terreiro era muito conhecido e recebia pessoas de vários lugares. O Quilombo Brotas até hoje é conhecido por muitos como Barroca da Tia Lula.**

Os trabalhos começavam às 21 horas, quando eram recebidos na Tenda guias de luz como os Pretos Velhos e as Crianças. Em seguida, eram acesas fogueiras no terreiro e realizados trabalhos para Boiadeiros, Baianos e Exus. Nesse local, existem vários coqueiros e árvores que foram cruzadas para as entidades. Os trabalhos seguiam a madrugada, quando eram incorporados os Caboclos, que seguiam para a mata onde eram feitas as oferendas.

Depois, eram feitos trabalhos para os Povos D'água no córrego das Brotas. Lá havia um Congá para Iemanjá, onde se realizavam os batizados do terreiro. Os trabalhos terminavam por volta das 8 ou 9 horas da manhã.



Tenda da Tia Lula. Fonte: RTC Brotas

Também havia as festas do boiadeiro, São Cosme e São Damião, do dia 13 de maio, que contavam com a presença de pessoas de outros terreiros, inclusive do Rio de Janeiro e de São Paulo. Como falava Tia Lula, “o sítio ficava cheio de gente dos terreiros, para tudo canto fazendo trabalho. Não sei os outros, mas eu gostava muito. Ficava tudo um terreiro só”.

Tia Lula faleceu em 2005. Desde então, o Centro de Umbanda está fechado. Muitos quilombolas são hoje evangélicos ou católicos, mas viveram durante muito tempo participando ou presenciando as atividades do terreiro e atribuem grande importância à figura da tia. A casa de Maria Emília e sua Tenda são mantidas com cuidado e abertas para visitação. Existe um projeto de transformá-la em museu, assim como a réplica da antiga casa de Amélia. Como testemunha Manoel, morador do quilombo:

Vivi parte boa aqui quando era pequeno, tenho bastante saudade. A gente ia sempre no centro (de umbanda) na casa da minha tia (Tia Lula). Quando tinha as festas a gente ficava dois dias de festa. A gente ficava no sábado de manhã cortando as folhas... folhas de coqueiros, coisa e tal... recebia o pessoal. A gente sente saudade desse tempo. (Anacleto, 2009, p.105).

## Multa e ameaças

Por falta de informa o e por dificuldades financeiras, os moradores de Brotas não registraram a terra comprada. Por volta de 1960, receberam um comunicado da prefeitura sobre a existência de uma

multa alta pela situação irregular do sítio. Se a dívida não fosse quitada, eles perderiam a terra. Com muita dificuldade e ajuda dos filhos, Amélia parece ter pedido um empréstimo. Em 1969 foi feito o inventário de Emília e Isaac. Na ocasião, a terra foi registrada em cartório pela primeira vez.

Na década de 1980, a expansão da cidade de Itatiba se dava em direção ao quilombo, que passou a ser crescentemente ameaçado pela especulação imobiliária. Com a morte de Amélia, seu filho Claro tornou-se uma liderança informal no quilombo. **Consciente dos riscos de perda da terra, não realizou o inventário de sua mãe com medo da desintegração do território.** Era uma estratégia de defesa do sítio para a continuidade do seu usufruto pela família. Claro tinha o sonho de levar luz elétrica para o local, mas faleceu antes, em 1984.

Depois da primeira ameaça de perda do território, eles começaram a ter que pagar impostos. Os quilombolas se uniram durante anos para conseguir pagá-los. Posteriormente, o sítio ficou isento da taxa, mas entre 2002 e 2003, voltaram os problemas com os impostos e com a ameaça de perder o território.

A partir de 1990, muitas mudanças ocorreram em volta do sítio. Com o aquecimento do setor imobiliário, a quantidade de loteamentos e construções cresceu desordenadamente em direção ao bairro Santa Filomena II. Essa pressão urbana contribuiu para a destruição da mata, para o lançamento de esgoto nos rios e o deslocamento de animais para o quilombo, último refúgio de mata e água.

O Quilombo Brotas, situado em uma área valorizada da cidade, foi ficando cercado. Chegou a ser alvo de projetos da própria prefeitura que ameaçavam a integridade do seu território. Um deles foi a implantação do Sistema de Lazer da prefeitura, construído à margem do córrego das Brotas. Outra ameaça foi o projeto de expansão da malha viária da cidade, no qual uma rodovia cortaria o quilombo.

**Em 2001, a área ao lado do sítio começou a sofrer com as obras de um loteamento, Nova Itatiba II, trazendo muitas consequências negativas para os moradores.** As obras de canalização do esgoto do loteamento passavam no quilombo e várias nascentes foram destruídas, levando ao assoreamento do córrego das Brotas. Isso provocou o desaparecimento de peixes e crustáceos, usados pelos antigos num prato chamado “mariscada”.

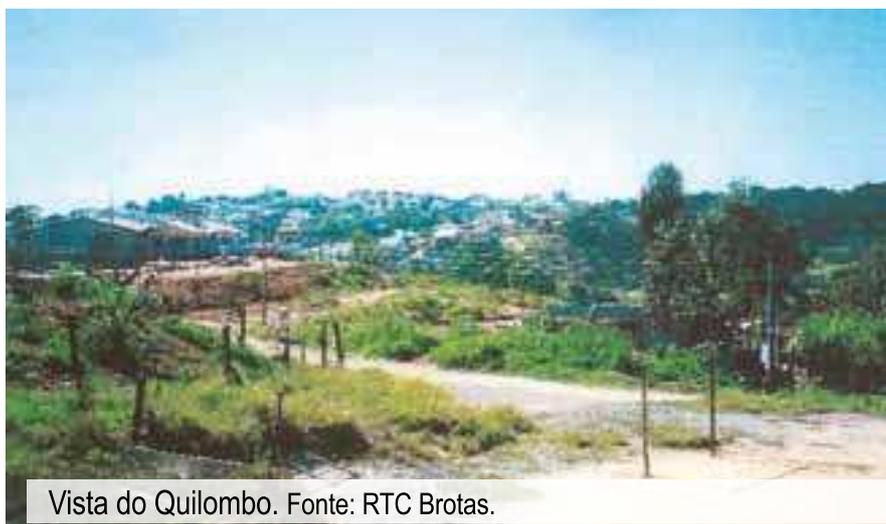
## Luta pela titulação

Os moradores tentaram conversar com os responsáveis pelo loteamento, mas não obtiveram sucesso. A Associação Cultural Quilombo Brotas, criada em 2003, buscou ajuda com a ONG Fórum Pró-Cidadania, que denunciou a situação ao Ministério Público Estadual e Federal. Este último visitou o quilombo em março de 2004. Em abril do mesmo ano, foi retomada a obra de um encanamento que despejaria água suja na área de um reservatório de peixes e uma horta. Ao serem questionados, os funcionários da empresa afirmaram ter autorização.

O assoreamento do córrego das Brotas trouxe forte prejuízo às práticas religiosas da Tenda da Tia Lula, impedindo a realização dos trabalhos para os Povos D'Água. Na época, ela chegou a dizer: “Agora passou máquina aí, bagunçou tudo, precisa arrumar. Tinha um lugarzinho, um Congá na beira d'água, a gente trabalhava lá”.

**Todas estas ameaças e malfeitos motivaram os moradores a lutar pelo reconhecimento do Sítio das Brotas como um quilombo.** A luta pela preservação das nascentes, pela defesa da terra, de sua história e de sua família, levou-os a reivindicar, para além da área comprada por Isaac e Emília, parte das terras pertencentes ao antigo quilombo formado no bairro dos Lopes. Essa área se localiza num terreno vizinho, onde aflora uma das nascentes que alimentam o córrego das Brotas, ameaçado de virar loteamento. **O território reivindicado pelo grupo totaliza 12,48 hectares.**

Com o processo de reconhecimento enquanto quilombolas, os familiares conseguiram interromper as obras do loteamento Nova Itatiba II



Vista do Quilombo. Fonte: RTC Brotas.

ainda em 2004. Em novembro do mesmo ano, obtiveram o reconhecimento enquanto quilombo pelo Estado de São Paulo e a certificação pela Fundação Cultural Palmares em 2006. Em 2008, seu território foi reconhecido pelo INCRA e em 2009 foi publicado decreto presidencial que autoriza a desapropriação das terras para a futura titulação.

## Samba e raiz

A maior parte do território do Quilombo Brotas se localiza hoje em uma área urbana, por causa do crescimento desordenado de Itatiba. Os moradores têm acesso a transporte público e escolas de ensino fundamental e médio. Até 2004, enfrentavam problemas com o serviço de saúde, não possuíam água encanada e sistema de esgoto. A energia elétrica chegou no início de 1990, mas permaneceu precária até 2005.

A água consumida é retirada de poços artesianos e muitos utilizam fogão de lenha. Até 2004, as ruas do local não eram iluminadas: a prefeitura argumentava que o sítio era uma propriedade particular. As restrições de acesso aos serviços públicos no Sítio das Brotas contrastam com a vizinhança, que tem luz elétrica, ruas asfaltadas e rede de água e esgoto.

Hoje as moradias são construídas com blocos e telhas de amianto. Algumas divisões entre elas são de cerca de bambu, arame ou madeira. Muitas casas têm criação de galinhas, hortaliças e árvores frutíferas como limoeiros, laranjeiras e bananeiras. As ruas Claro Barbosa (de baixo), Bento Barbosa (rua do “morro”) e Fabiano Barbosa (da parte de cima) e as duas praças são áreas de uso coletivo, onde os familiares se encontram e as crianças brincam.

Os homens da comunidade exercem atividades como pedreiros, borracheiros ou vigias e a maioria das mulheres trabalha como empregada doméstica. Até 1970, o grupo viveu do que era produzido no sítio. Havia plantação de feijão, mandioca, batata doce, milho, cana de açúcar, arroz, café e amendoim. Existia um pomar com muitas frutas e criação de cabras, galinhas e porcos.

Com o tempo, os filhos e netos de Amélia saíram do sítio para procurar trabalho na indústria, principalmente em Jundiaí e São Paulo. Depois de muitas idas e vindas, parte deles, muitos com dificuldades econômicas, se estabeleceu no quilombo, onde vive até hoje. Com o aumento do número de famílias, sobretudo a partir de 1990, o espaço para plantar diminuiu e os moradores utilizam o pouco espaço livre para a produção de hortaliças em uma horta comunitária.

Os quilombolas têm como religião o catolicismo, a umbanda e as igrejas Nazareno e Deus é Amor. Vários eram da umbanda, mas foram abandonando e tornando-se evangélicos. No início do século XX, o grupo se definia como católico e suas práticas religiosas se misturavam com elementos da umbanda e do candomblé. Amélia era católica e provavelmente integrava a Irmandade de São Benedito. Ela era responsável pela realização da “reza de defunto”.

Amélia frequentava a festa para São Benedito do Largo do Rosário, conhecida como Samba do dia 12 de maio ou Samba para São Benedito, iniciada no dia 12 e com fim no dia 13 com as congadas. Nela as pessoas dançavam ao redor de fogueiras e ao som de batuques. Havia também o Ponto, desafio cantado, no qual um começava e o outro respondia. Há casos de encantamento lançados nessas ocasiões. A festa se tornou tradicional e a Igreja do Rosário passou a ser chamada de São Benedito. No Largo do Rosário, aconteciam também as Rodas de Samba, a Festa dos Pretos, a Reza de São João e as congadas. Quando criança, Maria Emília acompanhava sua mãe nessas festas.

**Amélia e os familiares também se reuniam para formar pequenas rodas de samba no Sítio das Brotas.** Havia também procissões, missas e festas com “batucadas” e samba-de-terreiro. A música era constante na família. Muitos tocavam instrumentos, cantavam e faziam parte de grupos de choro, congada e reisado. Claro Barbosa teve de fugir da polícia mais de uma vez apenas por portar seu bandolim, devido às perseguições às manifestações culturais negras na época.

**Alguns participavam de uma escola de samba formada majoritariamente por negros.** Eles desfilavam durante o carnaval de Itatiba e têm lembranças de situações de preconceito e

discriminação. Certa vez, um padre chegou a ameaçar ligar o alto-falante no coreto para rezar no momento da apresentação do grupo.

**Os relatos de racismo na escola, no carnaval e no acesso a serviços públicos são presentes ao longo da história do quilombo.** O sítio era considerado por alguns um terreno baldio e sujo onde jogavam lixo. Conta Patrícia, filha de D. Ana Maria:

Na escola era muito preconceito! Nossa, a turma vivia tirando sarro de nós que a gente que morava aqui dentro. Aí era muito xingamento. Xingava a gente de negrinha, falava que a gente morava na senzala, sabe. (...). Falava um monte de coisas (...).

(...) A gente era muito discriminado lá na escola. A minha mãe ia direto lá. Minha mãe chegava lá na escola, até o dia em que minha mãe chegou lá e disse: Oh! Se não parar esse preconceito na escola, eu vou procurar meus direitos, eu vou na Secretaria de Educação, eu vou pra São Paulo, eu vou pra onde tiver que ir, mas eu vou (...) (Anacleto, 2009, p.155-6, 158).

Atualmente os moradores realizam diversas atividades no sítio através da Associação. São feitas oficinas, atividades culturais, alfabetização de jovens e adultos, buscando promover uma articulação com outros grupos quilombolas.

O Quilombo Brotas tem sido visitado por pessoas de diversos lugares e busca combater o preconceito sofrido contando sua história de luta e orgulho. Como diz Rosemeire, moradora do quilombo:

**Quilombola é tanta coisa! Quilombola é luta, é força, é tudo, é resistência. É sinônimo de orgulho, de manter as raízes. Eu acho que tudo isso é ser quilombo.** (Anacleto, 2009, p.131).

Este texto foi redigido por Maria Letícia de Alvarenga Carvalho, a partir do Relatório Técnico Científico sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo Brotas/ Itatiba - SP, realizado pela antropóloga Patrícia Scalli dos Santos para o Instituto de Terras do Estado de São Paulo - ITESP, em 2004. Também inclui informações adicionais obtidas das fontes:

\_ Pesquisa realizada por José Roberto Barbosa, membro do Quilombo Brotas.

\_ ANACLETO, M. L. Educação e identidade no Quilombo Brotas. 2009. 197p. Dissertação. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. (A dissertação foi a fonte de muitos depoimentos citados neste texto).

# Uma palavra da comunidade

## Brotas

No passado, as casas do Quilombo Brotas eram construídas pelo método de taipa-de-mão, também conhecido como pau-a-pique ou barrote. À noite a família costumava se reunir na casa de Amélia e em volta da fogueira ouviam histórias do passado e do cotidiano. Esse era um costume praticado desde os tempos de Emília e Isaac nas senzalas.

O território onde hoje se situa o Quilombo Brotas fazia parte anteriormente do Bairro Brotas, situado numa ampla região conhecida no século 19 como Bairro dos Lopes. Segundo se conta, vivia ali um negro livre, forro ou fugido conhecido como “Negro Brotas”. Pouco se sabe sobre ele.

Conta-se que durante sua vida ele se envolveu em várias fugas de escravizados e construiu no território um barracão, onde abrigou vários negros fugidos de Campinas, Jundiaí, Valinhos, Vinhedo e Itatiba. Para aqueles que permaneciam no bairro, o Negro Brotas arranjava emprego na fazenda de um homem chamado Luiz Ribeiro. Muitos que ali se escondiam provavelmente foram embora com o fim do regime escravocrata.

A história da família de Amélia no sítio começa no fim do século 19, mas não se sabe o ano exato. Há possibilidade de que tenham chegado em 1888, quando os negros fugidos já haviam partido. Quando chegaram, a propriedade já se chamava “Sítio das Brotas” ou “Sítio dos Brotas”. A origem do nome é atribuída a diferentes razões: à existência de muitas nascentes; à facilidade com que as plantas brotavam; ao nome de uma planta encontrada em Portugal e por fim, em referência ao Negro Brotas, que ali vivia antigamente.

Segundo a historiadora Diloca Sangiorg, por volta de 1900 o Negro Brotas ainda vivia no local e teria morrido idoso. Para ela, alguns moradores do Sítio das Brotas poderiam ser seus netos e bisnetos.

Apesar da hipótese não ser de todo correta, não é impossível que um ou outro descendente dos antigos negros fugidos tenham se casado com um ou mais familiares de Emília e Isaac.

Apesar das dúvidas e do mistério sobre sua existência, o Negro Brotas se tornou um herói semi-lendário na tradição oral em Itatiba e uma importante referência à resistência contra a escravidão. Sempre lembrado pelos mais antigos através das histórias contadas, a trajetória de luta do Negro Brotas permanece viva no Quilombo Brotas e se reflete nas histórias de força e coragem vividas por Emília, Isaac, Amélia, Claro Barbosa, Tia Lula e tantos outros que lutaram e lutam pela defesa do território e sua titulação.



Escola de Samba Campos Salles (1980). Ana Maria (porta-bandeira) e o primo Antônio Luciano (mestre-sala)



Festa no Quilombo (1950-1955)  
Fonte: Acevo familiar, RTC.

# Projeto Formulação de uma Linguagem Pública Sobre Comunidades Quilombolas

PARCERIA	INCRA/CGPCT/NEAD; UFMG/OJB, CEBRAS, NUQ
COORDENAÇÃO GERAL	Lilian C. B. Gomes, Deborah Lima, Juarez Rocha Guimarães, Maria Consolação Lucinda, Leonardo Avritzer
CONCEPÇÃO DE TEXTO E EDIÇÃO FINAL	Deborah Lima
EDIÇÃO DE TEXTO	Juarez Rocha Guimarães, Wallace Santos, Gustavo A. Fonseca Silva
SUPERVISÃO DAS NARRATIVAS	Deborah Lima, Carlos Eduardo Marques, Alexandre Sampaio
CONSULTA ÀS COMUNIDADES	Lilian C. B. Gomes, Cláudia Marques Oliveira, Isabella G. Miranda, Marilene Ribeiro
ADMINISTRAÇÃO	Kaianan Mauê S. Rosa, Priscila Z. Martins
MAPAS E FOTOGRAFIAS	Alexander Cambraia N. Vaz
PROJETO GRÁFICO	Paulo Schmidt

C331q Carvalho, Maria Leticia de Alvarenga  
Quilombo Brotas / Maria Leticia de Alvarenga Carvalho.  
- Belo Horizonte : NUQ/ FAFICH : OJB/FAFICH, 2015.

16 p. (Terras de Quilombos)  
Baseado no Relatório técnico-científico sobre os remanescentes da  
comunidade de Quilombo Brotas/Itatiba – SP de Patrícia Scalli dos Santos.

1. Quilombos. 2. Antropologia. 3.Santos, Patricia Scalli dos. Relatório  
técnico sobre os remanescentes da comunidade de Quilombo Brotas/Itatiba.  
I. Título. II. Série.

CDD 306  
CDU:39

DILMA ROUSSEFF  
Presidenta da República

PATRUS ANANIAS  
Ministro de Estado do  
Desenvolvimento Agrário

MARIA FERNANDA RAMOS COELHO  
Secretária Executiva do Ministério do  
Desenvolvimento Agrário

ROBERTO WAGNER RODRIGUES  
Diretor do Núcleo de Estudos Agrários  
e Desenvolvimento Rural

ZORILDA GOMES DE ARAÚJO  
Coordenadora do Núcleo de Estudos  
Agrários e Desenvolvimento Rural

EDMILTON CERQUEIRA  
QUÊNER CHAVES DOS SANTOS  
Coordenação Geral de Políticas para  
Povos e Comunidades Tradicionais

MARIA LÚCIA FALCÓN  
Presidenta do Instituto Nacional de  
Colonização e Reforma Agrária

RICHARD MARTINS TORSIANO  
Diretor de Ordenamento da  
Estrutura Fundiária

ISABELLE ALLINE LOPES PICELLI  
Coordenadora Geral de Regularização  
de Territórios Quilombolas

GUILHERME MANSUR DIAS  
JULIA MARQUES DALLA COSTA  
Coordenação Executiva do Projeto

SERVIÇOS QUILOMBOLAS  
Apoio técnico  
Superintendências nos estados

# A Coleção Terras de Quilombos

reúne um conjunto de narrativas a respeito da formação, do modo de vida e das lutas travadas por comunidades quilombolas brasileiras para se manter em seus territórios tradicionais. Em cada livreto, uma comunidade quilombola é apresentada em sua singularidade.

Ao todo, a Coleção oferece um panorama da diversidade de trajetórias vividas por ex-escravizados – incluindo por vezes indígenas e grupos em outras situações sociais – para conquistar a sua independência e se estabelecer na terra autonomamente. O fato de terem sido deixados à própria sorte após a Abolição resultou em uma multiplicidade de caminhos percorridos para conseguirem consolidar os seus territórios. Foram muitos os modos como ocuparam as suas terras e distintas as maneiras como formaram as suas comunidades, enfrentando todo tipo de desafios para se relacionarem livremente com seu entorno.

O conceito de quilombo esteve associado ao período da colônia e do império. Com a Abolição, os quilombos deixaram de ser mencionados, como se o fim de quatro séculos de escravidão significasse a garantia de liberdade. No entanto, os quilombolas continuaram e continuam a lutar para reproduzir seus modos de criar, fazer e viver, resistindo às dificuldades, injustiças e preconceções legadas pelo período escravocrata. São essas as histórias narradas nesta Coleção. São histórias do Brasil vistas pelo prisma de quem, com suas tradições, formas de vida, religiosidades e respeito à terra, enriquece o mosaico da sociodiversidade brasileira.